



## AGÊNCIA DE SANGUE

R. CARVALHO CALERO

Como Curros nasceu em 1851, tinha vinte e seis anos em 1877, data da dedicatória a Leonardo Mármol de *Paniagua y Compañía*. Curros acabava de cobrir, como corresponsal de *El Imparcial*, a informação relativa às operações militares que se desenvolviam nas Províncias Vascongadas. As suas crónicas constituem a colecção intitulada *Cartas del Norte*. A primeira está datada em Santander o 19 de Dezembro do 1875, e a derradeira em San Sebastián o 23 de Fevereiro de 1876. Esta descreve a entrada de Afonso XII na capital guipuzcoana.

Pouco depois, quiçá imediatamente depois, um ajudante do brigadier Mariné, ajudante mui amigo de Curros e companheiro de quarto do escritor, feriu a este de um disparo de pistola, por erro, pois crendo descarregada a arma, ameaçava ao seu camarada com talante festivo. Ainda que a única fonte que coñeço sobre este feito<sup>1</sup> assegura que "una bala hizo blanco en

1. Curros, 1130.

su pecho", e o ferido "estuvo varios días en peligro de muerte", o certo é que se efectivamente o peito do poeta foi atingido pelo projectil, este nom deveu afectar nengum órgão vital, o que nom deixa de ser sorprendente, dada a importância dos que se alojam na caixa torácica, e o feito de que o disparo teria de fazer-se a queima-roupa. Mas, ao que parece, Curros nom ficou alejado, e ninguém se lembra mais deste acidente. Ignoro se nalgum número de *El Imparcial* se menciona. De resto, leio em Vilanova: "No falta, sin embargo, quien asegura que su herida fué de resultas de un duelo, originado por cuestiones políticas, sin que dé más amplias razones para sostenerlo. Lo cierto es que, imposibilitado para seguir su labor de cronista en los frentes, su labor fué continuada por el periodista Fauró"<sup>2</sup>

### A PUBLICAÇÃO DO ROMANCE

Convalescente ou reposto da ferida, deveu de escrever Curros, em Madrid, aonde, segundo o seu filho Adelardo, se viu obrigado a retornar<sup>3</sup>, o romance em questom, que intentou sem êxito publicar na Corte<sup>4</sup>. Apareceu em 1878 na Corunha, como folhetom do jornal *El Telegrama*<sup>5</sup>. Luís Carré data a impressom em 1877: "teño riba da táboa de traballo a primeira edizón do romance feita na Coruña no ano de 1877 co pé do establecemento de V. Abad, e según costa, formando parte da biblioteca do xornal cruñés *El Telegrama*"<sup>6</sup>. A ficha dessa primeira edição, segundo J.R. Barreiro Fernández, é a seguinte: "*Paniagua y Compañía. Agencia de sangre. Memorias de un corresponsal periodista, por M. Curros Enríquez, Coruña 1878. Abad editor*. Para Vilanova, tamém 1878 é a data correcta, o mesmo que para González-Besada e Melendo Abad<sup>7</sup>. Ninguém fala de que houvesse duas edições em anos consecutivos. Ou hai *lapsus* em Carré ou haveria que pensar que o romance se publicou, ou se começou a publicar, como folhetom no jornal em 1877 e se fijo separata do mesmo ao ano seguinte, ou se terminava de imprimir e se tirou a portada em 1878. Carré dá duas vezes a referida data de 1877. A parte do passo citado, neste outro: "conseguiu por fin publicalo (o romance) na Cruña o ano 1877"<sup>8</sup>. Na *Bibliografía* reitera essa data<sup>9</sup>. Assi que realmente som três afirmações contestes.

Vejamos algumas opiniões formuladas sobre este romance<sup>12</sup>.

Augusto González-Besada Estévez e Félix Melendo Abad calificam-no positivamente.

"También hizo Curros, con éxito indudable de público, acertadas aunque breves algaradas por el campo de la novela (...) La estancia como corresponsal

2. Vilanova, 73.

3. Curros, 1.c.

4. Curros, 1408.

5. Vilanova, 110.

6. Carré, 66.

7. Barreiro, 321.

8. Vilanova, 110.

9. González-Melendo, 87.

10. Carré, 65.

11. Carré, 243.

12. Nom figura entre elas a de Linares Rivas, que ao referir-se a este romance no seu discurso de ingresso na Academia Espanhola limita-se a dizer que "era una sátira contra la guerra y los reclutadores de carne de canon", sem formular juizo algum sobre o valor literário da obra, e afirmando que a açom se desenvolveu em terras de Navarra nos primeiros folhetines publicados "en un periódico de La Coruña", mas que logo a dita açom se trasladou á Corunha sem trocar outra cousa que a toponímia. O qual demonstra que Linares Rivas nom lera o romance. Véja-se Vilanova, 110 e Carré, 65 s. González-Melendo, 86 s. recolhem umha variante desta lenda; os nomes trocados seriam os das personagens e nom os dos lugares, segundo Linares Rivas. Mas o que di este é o que indicam Vilanova e Carré. Linares Rivas escreve: "el público, que no compraba el periódico para leer una novela bien escrita, agotó las ediciones para leer los disparates topográficos". Iso de "novela bien escrita" nom deve interpretar-se como prova do falante, se nom quer dizer que o público preferia a toponímia local, ainda inajetada, á boa traça literária de qualquer romance, cumprisse ou nom o de Curros com esta condiçom.

Curros Enríquez





de guerra en el frente vasco, durante las semanas que precedieron al final de la contienda, le proporcionaba material más que sobrado para que su arte de narrador, unida a unas finas cualidades de observación, le diesen un nuevo triunfo en el género de la narración en prosa (...) relata con vivos y agudos trazos la recluta de voluntarios por los agentes del pretendiente, aunque en ocasiones no sepa prescindir de su posición personal, parcial a uno de los bandos, y que le hace ser injusto en sus apreciaciones, siempre desfavorables para la causa carlista. Así y todo, la descripción de Ignacio Comba, atacado de cáncer, y el pasaje en que Lucas, de centinela en el puesto avanzado de Guetaria, quiere dictar una carta a su hermano Juan que desde el fuerte de Gárate le lanza metralla fratricida, son de un gran patetismo. La angustia del propio Juan, el tañido de la campana

do ponto de vista ideológico. No entanto, alguns conceitos da sua análise oferecem interesse para a crítica literária em sentido estrito.

"A visión da realidade faise esquemática e prexuciosa en todos os aspectos; é curioso que unha novela tan tendenciosa e pouco complexa como deliberadamente ideolóxica sexa defendida polo tan pretendidamente ouxetivo biógrafo e crítico de Curros, Alberto Vilanova Rodríguez"<sup>16</sup>.

"Diante dunha novela que, xa no derradeiro coarto do século XIX prantexa as loitas políticas de un xeito tan maniqueo..."<sup>17</sup>.

Termino recolhendo a opinión do historiador J.R. Barreiro Fernández.

"Unha obra (...) que no dá mucha gloria a su autor (...) Su esquema es muy simple (...) Más que la arquitectura de la obra, a través de la que aparece una historia menor que no interesa, y en la que no faltan las continuas referencias anticlericales, nos importa destacar su rabioso anticlericalismo, hasta el punto que esta obra puede ser considerada más que como una obra de creación literaria, como de burda propaganda política"<sup>18</sup>.

## CRÍTICA LITERÁRIA

Barreiro tem razón ao estimar que *Paniagua e Compañía* é mais bem unha obra de propaganda política que un produto artístico. É evidente que o propósito do autor é didáctico e non estético. Propomese satirizar o carlismo, e non criar un mundo poético. Entenda-se que a historia que narra está estudadamente orientada a desacreditar o carlismo. As personaxes, pois, non se comportan segundo leis imanescentes à sua realidade psicológica e social, mas conforme interessa à finalidade política do texto. Carecem, logo, de relevo; son absolutamente planos. Os carlistas son maus, os liberais son bons. Estamos, portanto, em presença de um romance folhetinesco polo que se refere à psicologia elemental de caracteres, à ética maniqueia, ao truículo dos sucessos. Paniagua é um pícaro, o Páter um degenerado sexual. Os chefes carlistas son crueis e falcatrueros. Ao contrário, as figuras dos militares do campo liberal, em grande parte históricas, possuem todas as virtudes castrenses. A familia Comba está em realidade constituída por anjos, ainda que dous destes anjos, os irmaos Lucas e Juan, sejam ocasionalmente arcanjos guerreiros.

## UN FINAL QUASE BRECHTIANO

A maldade e baixeza, no entanto, non sofre o cóngruo castigo, como nos folhetons mais elementares. Os carlistas perdem a guerra, mas Paniagua e o Páter, longe de serem esmagados, logran sobrevivir e prosperar. O primeiro vé reconhecido o emprego de tenente coronel que desempeñava nas filas carlistas, e o segundo obtém unha canongia e unha comissom apostólica. Este final brechtiano, que mitiga a ingenuidade da fábula, tem unha justificación concorde coa finalidade brechtiana da obra literária, que non deve adormecer o desejo de transformación social con unha ficticia realización da justiça, mas deve manter vivo o espírito de luta amostrando o triunfo das forzas da opressom. A irreversível ascensom do militar corruto e do crego libidinoso funcionan expressamente como advertência de que hai que prever perigos que a vitória militar non eliminou. Imediatamente antes de dar-nos conta da prosperidade dos agentes carlistas, Curros escreve:

"(...) vivamos prevenidos. El absolutismo alienta. Se le machacó la cabeza, pero le queda vida. La cabeza del monstruo hundida contiene entre la ceniza la hemorragia y comienza a cicatrizarse.

La libertad debe echarle con la maza levantada y el cuchillo al lado.

¿Por qué? He aquí por qué"<sup>19</sup>.

E a seguido narra-nos o encontro na rua da Montera, em Madrid, terminada a guerra, de Paniagua e o Páter, e os posteriores lances que no-los deixam em próspera situación.

A familia Comba, em troca, vítima daqueles, regista a morte de dous dos seus membros e a loucura de um terceiro. Só Maria, nena de nove ou dez anos, sobrevive

tendência ou outra análoga.

16. Rodríguez, 71.

17. Rodríguez, 78.

18. Barreiro, 321.

19. Curros, 751. Eu lería hendida e acecharle em troca de hundida e echarle.



Unha imaxe do enterro de Curros publicada no *Almanaque de Galicia* editado en Arxentina a primeiros de século

anunciando la muerte del hermano, y las escenas finales en el hospital del pequeño puerto guipuzcoano, denotan en su autor una fibra novelesca de la mejor estirpe"<sup>13</sup>.

Os juízos de Vilanova son aínda mais favoráveis.

"Es una novela interesante que se prende su trama y su acción al espíritu del lector desde la primera hasta la última página. El estilo es fresco, un poco dieciochesco, propio de la época y del argumento, rico en impresionantes imágenes, abundante de color y vida, pródigo en emociones inquietantes. Es un cuadro desgarrador de la disolución moral que llevan aparejadas consigo, por designio histórico de condenación, todas las guerras civiles. Es de dilacerante patetismo, no es posible leerla sin tener el alma en vilo, tiene páginas que no desearía afirmar cualquiera de los buenos escritores de su tiempo. Magníficas son, entre otras, aquellas en las que nos describe la operación de cáncer a Comba padre, las reflexiones anticlericales de Paniagua, la resistencia y liberación de Guetaria, el diálogo de María con su padre en los últimos momentos de éste, y el desamparo de aquélla. Curros logra impresionar y conmover sin incidir en las cómodas y triviales fórmulas ínsitas a todo mal melodrama. Se ve que los fines que persigue son fundamentalmente la aversión a los horrores de la guerra civil, poner al vivo la barbarie carlista, los efectismos sentimentales de un hogar totalmente destrozado, así como destacar las grandezas y miserias humanas. Dejando aparte lo que puedan tener de unilateral sus delirios ideológicos, en la forma y en el sentido, sus fines están totalmente logrados"<sup>14</sup>.

Carré exprime-se com maior resea.

"É unha obra de principiante con mérito de abondo pra nos permitir albiscar o alto cume a onde puido chegar se se adicara ó xénero; ten páxinas de grande realismo, polas descrições de logares e a vida das aciós, e de fonda tenreza, que ligan o romantismo no que somella inspirado seu argumento, por demais inxenueo non pranteamento e desenrolo da trama, coa daquela nascente escola naturalista"<sup>15</sup>.

Francisco Rodríguez dedica atençom a este romance

13. González-Melendo, 85 s.

14. Vilanova, 114 s.

15. Carré, 47. Entre coa e daquela deve de faltar unha palabra como

A MALDADE E BAIXEZA,  
NO ENTANTO, NOM SOFRE  
O CÓNGRUO CASTIGO,  
COMO NOS FOLHETONS  
MAIS ELEMENTARES



Alcalá Zamora no discurso de inauguración do monumento a Curros

em condicións aceptábeis, admitida, grazas à recomendación dos chefes do batallón reserva de Mondonhedo, num colégio de ensino da Corunha, fundado recentemente por un antigo ministro revolucionário, que dedica ao seu sustento os trinta mil reais da cesantía.

## HISTÓRIA FOLHETINESCA E MEMÓRIAS DE GUERRA

Curros quixo dar ao seu alegado anticarlista a forma de romance, emarcando un argumento em que se movem persoas particulares, no quadro da guerra civil que acabava de findar, e na qual o autor actuara como corresponsal do periódico *El Imparcial*.

Hai, pois, umha trama imaginária, que refere as desventuras da familia Comba e as maquinações dos agentes secretos de recrutamento carlista, Paniagua e um sacerdote designado como o *Páter* —aínda que estes só están presentes na cena ao começo e ao final do relato—; e umha narraçom e descriçom histórica, que se compom de umha série de seqüências em que se nos ofrecen quadros da vida militar e de açons de guerra.

A linha de acontecimentos privados constitue, como fica dito, umha narraçom de carácter folhetinesco que procura impresionar ao leitor enternecendo-o ou horrorizando-o. A angelical Maria arrastando da Corunha a Guetária o caixóm com rodas em que jaz o seu pai mutilado e chagado, é expressom plástica dessa combinaçom de ternura e horror, de sentimentalismo e negrura melodramática. Todos os convencionalismos do género están presentes. As personagens falan entre si de cousas que nom tenhem por que comunicar-se, só co propósito de ponhê-las em conhecimento do leitor.

Assi, Ignácio instrue a Maria desnecessariamente sobre como o deve alimentar, apesar de que, como el mesmo di, a nena sabe como fazê-lo<sup>20</sup>. Maria, pola sua parte, falando co seu pai, evoca as calamidades e ajudas, as incidências da viagem de Galiza a Vasconía feita de consum; em realidade, o autor serve-se, sem escrúpulos de verosimilitude, deste meio para informar ao leitor das circunstâncias de tal viagem<sup>21</sup>. Estamos, embora o avançado da data do romance, em pleno romantismo polo que se refere à técnica narrativa, que é mais ou menos a do correligionário de Curros, que foi alcalde republicano de Ferrol, Francisco Suárez e Garcia (1827-1900), autor de *Grandal* e *Los invasores*, romances análogos aos populares folhetons de Ponson ou Terrail (1829-1871) ou Xavier de Montepin (1823-1902).

Mais realistas som as cenas relativas à vida militar. Hai relatos de combates efectivamente livrados que constituem reportagens precisas. Curros conhecia bem as realidades da campanha, e traça quadros das operaçoms que nol-o presentan como adito cronista, aínda que o relato nom chegue a constituir em si, tecnicamente, como inexactamente reza o subtítulo, umhas *memórias*, pois, desde já, o narrador nom é personagem nem testemunha dos acontecimentos registados. O levantamento do sítio de Guetária no romance, reproduz, aínda bem, com escasas modificaçoms, a carta datada o 26 de Janeiro de 1876 enviada por Curros ao director de *El Imparcial* e incluída nas *Cartas del Norte*<sup>22</sup>. Aínda que situa os seus heróis privados em relaçom com estes acontecimentos militares, as personagens principais destas cenas de guerra som os chefes do exército, como o general Moriones e o brigadier Mariné, cujas virtudes militares Curros evoca com entusiasmo. Estas personagens históricas nom se misturam por via de regra coas de ficçom, mas alguns contactos se insinuam. O Pretendente Carlos instrue sobre a misson que lhe encomenda a dom Ambrósio Paniagua, e Juan Comba, capturado na tomada do forte de Gárate, é presentado ao general Moriones<sup>24</sup>.

A obra, pois, compon-se fundamentalmente, no que di respeito à parte narrativa, de duas histórias enlaçadas. Umha é um relato folhetinesco, e a outra umha crónica militar. Esta última lê-se co agrado com que se lê o *Diario de un testigo de la guerra de Africa* de Pedro Antonio Alarcón (1860), e aquela coa falta de interesse com que hoje podemos ler *Los misterios de Madrid* de Juan Martínez Villerga (1844).

20. Curros, 690.  
21. Curros, 743.  
22. Curros, 798 Ss. e 802 ss.  
23. Curros, 657 ss.  
24. Curros, 742.



## O ELEMENTO PERSUÁSORIO

Mas, nom propomdo-se a obra umha finalidade primordialmente artística, senóm didáctica, e mesmo oratória, já que é um alegado contra o carlismo e aspira a mover adversamente a esta postura política o ánimo do leitor, tem grande importância no romance o elemento persuásorio, que se umhas vezes se insere no discurso do relato, em que se amosta a falsidade das promesas dos reclutadores de combatentes ou a crueldade dos oficiais rebeldes<sup>25</sup>, tamén se manifesta pura e simplemente na exposiçom retórica de doutrina<sup>26</sup>.

O repúdio do absolutismo vai ligado co da guerra civil da que aquel é culpável. E este motivo, ou submotivo, tamén se integra na açom. Lucas e Juan, irmaos que combatem em bandos opostos, e o seu enfrentamento involuntário cando aquel está de posto em Guetária e este de artilheiro em Gárate, enfrentamento que determina a morte do primeiro polo segundo, e a loucura deste, som símbolo da abominaçom da guerra civil, tema já tratado por Curros na suas composiçoms poéticas *Tributo de sangre* (1872), *Oda a la guerra civil* (1874) e *La canción de Vilinch* (1875). Mas este pacifismo de Curros nom desemboca na condenaçom activa e afastamento da contenda<sup>27</sup>. No romance dá-se por descontado que o absolutismo é o responsábel da guerra civil, e que hai que esmagalo. A guerra causa terríveis perturbaçoms na vida privada, como se ve no caso da familia Comba; mas em Curros nom hai nengum adeus ás armas, como no romance de Hemingway. Curros exalta o heroísmo do exército liberal, co que se sente inteiramente identificado. Nom esperemos nengumha classe de antimilitarismo. Curros admira os combatentes da liberdade. Fai a louvança do soldado galego. A única pessoa que se salva entre as que constituem a familia Comba —a meninha Maria— deve a sua salvaçom ao agarimo do chefe, oficiais e tropa do batallón de Mondonhedo, heroico defensor de Guetária.

## CRONOLOGIA

Como é tradiçom no fantástico folhetim, que quer compensar com enganosas precisioms cronolóxicas a sua falta de afinçom na realidade, *Paniagua y Compañía* começa, igual que *Men Rodríguez de Sanabria* ou *Los monjes de las Alpujarras* —e que *Los invasores*, para citar un exemplo mais cercano— coa

25. Curros, 701 ss.  
26. Curros, 705, 716.  
27. Curros, 748 s.

HAI RELATOS DE COMBATES EFECTIVAMENTE LIVRADOS QUE CONSTITUEM REPORTAGENS REALISTAS



fixaçon do día em que se desenvolvem os primeiros sucesos relatados: "Habían sonado las nueve de la noche del 31 de julio de 1875". Nalguns textos, como o segundo dos citados de Manuel Fernández y González, a data inicial da acción é significativa e relevante. "El

día 30 de mayo del año de 1546, una inmensa multitud de gentes de todas clases y condiciones llenaban en Granda la estrecha plazuela comprendida entre la Capilla Real, sepulcro de los Reyes Católicos, la Casa de la Ciudad y las desembocaduras de algunas callejas que desde aquel punto conducen al Zacatín, a la plaza de Bid-al-Rambla y a la parte alta de la ciudad."<sup>28</sup> Nessa data realiza-se a solene promulgación de un edito que anula practicamente as Capitulaçõs da conquista de Granada, e essa anulaçom é determinante para o levantamento dos mouriscos que constitue o assunto do romance. Mas se passamos a examinar o começo da obra citada de Francisco Suárez, achamos estas palabras: "Amanecía el día 24 de Agosto del año 1800".<sup>29</sup> Esta data nom é histórica, nom regista nengum acontecemento de transcendência geral, e tanta precisom e exactitude semelha aplicaçom rotineira de um procedimento que perdeu a sua justificaçom originária. O mesmo ocorre no caso de *Paniagua e Compañía*. A data inicial, "Habían sonado las nueve de la noche del 31 de julio de 1875", revela o mesmo emprego mecánico de um estilema fossilizado que no texto de Suárez, quem tamén se acolhe a este uso no seu outro romance ferrolano *Grandal*<sup>30</sup>. Convém indicar as datas das primeiras ediçõs das obras citadas, para que nom se estabeleçam entre elas falsas relaçõs cronolóxicas. *Los monjes* é de 1854, mas *Grandal* é de 1897, e desse mesmo ano a ediçom por entregas de *Los invasores*. Ainda que Suárez era mais velho que Curros, os romances citados daquel som posteriores a este.

*Paniagua* começa *in medias res*. A partir da data indicada avança a acción nos capítulos I e II, mas mediado este hai retrocesso para explicar antecedentes<sup>31</sup>, e esta retrospectom abrangue até o capítulo VII, no qual tornamos ao presente narrativo ao día seguinte do inicio do relatado. Avançamos um día no capítulo VIII, e no IX achamo-nos em Bermeo alguns días despois. No X transcorrem três meses. No capítulo XI hai umha nova referéncia cronolóxica: o 20 de Outubro. Os

28. Fernández y González, 3.

29. Suárez, 7.

30. Veja-se *Libros e autores galegos*, I, A Coruña, 1979, pp. 216 s.

31. Curros, 656.



# O traballo de 9.000 galegos en 25 anos



O traballo de 9.000 galegos en 25 anos

Iso é Leyma. Unha empresa fundada fai un cuarto de século, cando agricultores e gandeiros galegos decidiron que xuntos tiñan moito que ofrecer a Galicia.

Así naceu a Cooperativa Agraria Provincial da Coruña. Leyma. Os motivos que moveron á fundación de Leyma son os mesmos que a seguen animando hoxe en día: Mellora-la produción e o nivel de vida do campo galego e ofrecer produtos frescos e de calidade.

Agora en Leyma celebramo-lo 25 aniversario coa satisfacción de acertar e esperamos seguir moito mais tempo levando ós fogares españois produtos frescos e naturais.

Productos frescos de Galicia

**LEYMA**



A NOSA TERRA

Recriación de Portela, no libro de González Besada e Melero

acontecimentos avança lentamente até o capítulo XV, sem que saíamos daquele dia. Mas nesse capítulo situamo-nos no 25 de Janeiro de 1876, data em que o general Moriones ataca ao inimigo desde San Sebastián e pola noite embarca em Pasajes forças que liberam Guetária e se apoderam do forte de Gárate na madrugada do dia seguinte (capítulo XVI). O capítulo XVII transcorre esse mesmo dia e termina com unha referencia ao dia inmediato, 27. No XVIII, já feita a paz, achamo-nos "algunos meses después de haber tenido lugar las escenas descritas en el capítulo anterior"<sup>32</sup>, cando Paniagua e o Páter se topam casualmente na rua da Montera, em Madrid. Poucos dias depois<sup>33</sup> ocorrem os últimos acontecimentos que se narram, ou melhor dito, nos dous últimos párrafos se narram sumariamente acontecimentos que podem ser anteriores, contemporáneos ou mesmo posteriores ao destino a Cuba de dom Ambrósio Paniagua: Maria e Juan chegaram "en tanto" á Corunha, e, "terminada la guerra", o batalhom reserva de Mondonhede "ha sido disuelto". A referencia "pocos días después" parece datar aproximadamente, nom só o destino a Cuba de Paniagua, mas tamén as últimas noticias sobre os irmaos Comba que sobrevivem e o licenciamento dos soldados do batalhom mindonense. Ou seja, que o autor



nos dá conta da publicação num jornal da Corte poucos dias depois da cena da rua da Montera, da noticia relativa ao tenente coronel, e a continuación nos descreve brevemente a situação final dos heróis positivos do romance, situação que cronologicamente resulta próxima a aquela noticia. De jeito que a acción do romance finda alguns meses e poucos dias depois do 27 de Janeiro de 1876, portanto a meados de 1877. O decurso cronológico do conto termina aproximadamente cando termina a redacção do romance.

Essa acción, pois, em conjunto, prescindindo dos saltos atrás (*analepses*), dura menos de um ano. Este tempo narrado reflecte-se, segundo é normal, em cenas que se montam para marcar os momentos significativos e em resumos que cobrem rapidamente os tramos irrelevantes. As cenas concentram-se principalmente nos três dias iniciais na Corunha, 31 de Julho e 1 e 2 de Agosto de 1875; na incorporacón de Juan às filas carlistas em Bermeo, o 6 deste mês aproximadamente<sup>34</sup>; na morte de Lucas, o 20 de Outubro; e nos três dias 25, 26 e 27 de Janeiro de 1876, em que os actantes se movem entre San Sebastián, Gárate e Guetária. O resto dos sucessos hé-nos referido sumariamente, o que pode dar origem a certas imprecisons.

Juan abandona a Corunha no vapor *Elvire* a noite do 30 de Julho<sup>35</sup>. Alguns dias depois acha-se em Bermeo<sup>36</sup>.

32. Curros, 751.

33. Curros, 756.

34. A última cena que transcorre na barraca de Ignacio Comba sitúase, ao parecer, a 3 de Agosto, ao dia seguinte da detencón de Paniagua (Curros, 687) ou um ou dous antes, "en la mañana siguiente al [día] de la partida de su hijo" (Curros, 688).

35. Curros, 650.

36. Curros, 697.

Transcorrem três meses<sup>37</sup>. Juan chega a Zarauz o 20 de Outubro, pois esse dia é o da morte do seu irmao Lucas, ocorrida<sup>38</sup> na mesma data em que Juan se incorpora à guarnicón do forte de Garate. Mas desde o 31 de Julho ao 20 de Outubro transcorrem menos de três meses. Supondo que alguns dias depois do 31 de Julho indique o 6 de Agosto, pois durante esses dias o vapor *Elvire* há viajar clandestinamente da Corunha a Bermeo, os três meses a contar dessa data levariam-nos ao 6 de Novembro. Conforme as datas fixadas polo romance, o 20 de Outubro haberia menos de dous meses e meio que Juan chegara a Bermeo. Hai, pois, unha certa inexactitude ou contradicón dos prazos assinalados.

De outra banda, Ignacio e Maria saen da Corunha o 1 ou o 2 de Agosto, imediatamente que se inteiraram da partida de Juan. Segundo Maria, a viagem até Guetária constitui "una peregrinación de medio año"<sup>39</sup>. Isso conduz-nos a primeiros de Fevereiro. Maria fala em números redondos, pois está a falar o dia seguinte ao da tomada de Garatemendi polos liberais, quer dizer, o 26 de Janeiro.

## TOPOLOGIA

No que di respeito ao cenário dos acontecimentos — prescindindo tamén das anacronias —, é a Corunha nos oito primeiros capítulos, e logo Bermeo (capítulos IX e X), Guetária (XI), simultaneamente com Zarauz e Gárate (XII), Gárate (XIII), de novo Guetária (XIV). Lucas acha-se em Guetária mentres Juan, procedente de Bermeo e Zarauz, se instala no forte de Gárate. A seguir vemo-nos no campo de batalla entre San Sebastián, Pasajes, Guetária e Gárate (XV, XVI); em Gárate conquistado e Guetária liberada (XVII). O capítulo XVIII, que é o derradeiro, situa-nos em Madrid, onde se desenvolve a cena final, com unha sumária referencia epilodal à viagem de Maria e Juan á Corunha, onde ambos irmaos ficam instalados, e o envio às suas casas dos soldados licenciados do batalhom de Mondonhede.

## ESTRUTURA

Na ordem de sucessom dos acontecimentos podemos distinguir três partes. Prólogo ou exposicón: capítulos I-VIII; nó ou corpo do relato: capítulos IX-XVII; epilogo ou desenlace: capítulo XVIII. O prólogo e o epilogo situa-se fora de Guipúzcoa: o prólogo na Corunha, o epilogo em Madrid. O corpo do relato desenvolve-se em Guipúzcoa. Todo isso, naturalmente, sem prejuízo da eventual existencia de outros cenários nas retrospeccóns, referências ou recapitulacóns. A primeira e a derradeira parte centra-se nos movimentos dos agentes carlistas, Paniagua e companhia. A parte central centra-se nos sofrimentos dos membros da familia Comba. Estes están presentes no prólogo e no epilogo, mas aqueles desaparecem da cena na parte central, na qual com Ambrósio e o antigo escolápio cedem as suas funcións de antagonistas aos combatentes carlistas, e especialmente aos seus mandos. A guerra, na sua forma mais óbvia de defrontamento militar, está presente na parte central, e nom nas outras duas.

Se nos atemos, pois, para caracterizar as partes da obra ao lugar da cena, às personagens principais e a presenza ou ausencia da guerra do cenário (se este é ou nom zona de guerra), observaremos em linhas gerais a seguinte simetria. Como se indicou, *nom Guipúzcoa* é na primeira parte a Corunha; na terceira, Madrid, sem prejuízo dos excursos. *Paz* significa na primeira parte que a frente de combate está longe, ainda que, naturalmente, a guerra influíu na retaguarda; na terceira parte, *paz* significa que terminou a guerra.

Partes	Lugar	Principalia	Situacón
1ª.	Nom Guipúzcoa	Verdugos	Paz
2ª.	Guipúzcoa	Vítimas	Guerra
3ª.	Nom Guipúzcoa	Verdugos	Paz

37. Curros, 707.

38. Curros, 709.

39. Curros, 743.

40. Curros, 732-734.

## O DECURSO CRONOLÓGICO DO CONTO TERMINA CANDO TERMINA A REDACÓN DO ROMANCE



## MOTIVOS

Pode considerar-se que som dous os motivos fundamentais que persegue a obra. Já fica dito que non cabe interpretá-la como un produto fundamentalmente literario, no sentido de que o seu principal obxectivo, a causa final da súa redacción, non é fornecer ao lector un pracer estético. Aquilo que move a pena de Curros é un propósito ideolóxico, un pensamento político. O romance en cuestión pertence à literatura interviniente. De unha parte, trata-se de subliñar a imoralidade de unha guerra civil. De outra, trata-se de desacreditar o carlismo. Estes dous motivos combinam-se ou justaponhem-se de tal xeito que o "pacifismo" implicado no primeiro aparece limitado polo "militarismo" implícito no segundo.

*Paniagua y Compañía* non nos amosra os horrores da guerra, mas os horrores da guerra civil. De aquí a utilización do tópico dos *irmaos inimigos*. No mundo maniqueo do folhetim, a función do protagonista bom está realizada por un colectivo, a familia Comba: Ignacio, Lucas, Juan e Maria; a función do antagonista mau está realizada por outro colectivo: a agência de sangue Paniagua e Compañía, quer dizer, os reclutadores de soldados para o exército carlista. Co protagonista coadjuvam os liberais: o exército alfonsino, especialmente o batallom de Mondonhedo. Co antagonista cooperam os carlistas em geral: o próprio Pretendente, os chefes e oficiais facciosos. Vítimas inocentes dos absolutistas van ser todos os integrantes do colectivo protagonista. O nó da acción é o fratricidio relatado no capítulo XII. A guerra civil é execrável, pois é unha guerra fratricida.

Mas isto non nos conduz ao pacifismo. É evidente que em todo o romance lateja a idea de que os liberais levam a cabo unha guerra justa e necesaria. Exalta-se o valor e as virtudes em geral dos chefes como Moriones e Mariné, e do exército que combate a Dom Carlos. Exalta-se o génio militar dos generais e a bravura heroica dos soldados, dotes que van unidas a sentimentos generosos de humanidade de que están privados os chefes e soldados do absolutismo. Assi que

non hai em Curros pegadas de antimilitarismo. Vejamos con que entusiasmo traça a semblança de un herói militar.

«Para iniciar su movimiento de avance, el genio estratégico de Moriones necesitaba asociarse de otro genio tan poderoso como el suyo, aunque de distinto orden. Necesitaba un hombre excepcional, de un corazón tan enorme como las montañas que se presentaban a sus ojos; un hombre de gran prestigio para entusiasmar al soldado, de gran valor para marchar en vanguardia, de grandes virtudes para no convertir el triunfo en venganza, de gran caridad para no humillar al vencido; un hombre, en fin, de cera y acero; un Marte humanizado, que fuese el ideal de la guerra moderna.

Este hombre lo encontró.

Era el brigadier Mariné.

Hijo de un héroe de la guerra de la Independencia; hermano de un mártir, cuya sangre se ofreció en holocausto por la libertad de nuestra patria en el calvario santo del Carral; padre de una preciosa víctima de nuestra última lucha civil, sacrificada en la acción de Muñecas, cuando el porvenir le deparaba la corona que reserva a los valientes, el brigadier Mariné, sobre cuyo pecho va escrito el poema épico de su vida en estrofas sublimes de plomo, reunía todas las condiciones apetecibles para la arriesgada empresa que se proyectaba, y el general Moriones le encomendó la vanguardia, el lugar avanzado de su ejército, la descubierta; en una palabra, el puesto de peligro.

Mariné tiende al peligro, propende al peligro, marcha al peligro como los cuerpos al centro de gravedad, como el león al desierto. Es el guerrero imantado, constantemente sujeto a esa secreta fuerza de atracción que se desprende de los abismos pavorosos de la guerra.

Mal avenido a los términos comunes de la vida ordinaria, como el marino que se marea en tierra, él no respira si no respira atmósferas de

AS CERAMICAS DO  
**CASTRO**   E AS  
 DE  
**SARGADELOS**   
 ESTAN FEITAS CON TERRAS GALE  
 GAS, AS IDEAS E A CIENCIA QUE  
 LLES PROPORCIONA O  
**LABORATORIO**  
 DE **FORMAS**  DE  
 GALICIA  
 E O  **SEMINARIO**  
 DE ESTUDOS CERAMICOS

ENGADINDO UN VALOR 200 VECES SUPERIOR  
 AO DAS SUAS MATERIAS PRIMAS QUEREN SER  
 UN EXEMPLO DO QUE SE PODE FACER APROVEI  
 TANDO NA NOSA TERRA OS NÓSOS RECURSOS

pólvora; desfalece si no trepa la áspera cordillera o la cuesta empinada, y hecho al trasego, habituado al estruendo de las guerras de nuestro siglo, creyérase al verle en la pelea que, como Napoleón, encuentra en el ruido de las armas las más armoniosas notas que deleitan el espíritu, y en el ejército que avanza a la carrera a tomar posiciones, una humanidad infesta que camina en busca de su redención.

Y sin embargo —¡contraste incomprensible!—, Mariné tiene más vellón que coraza, es más alma que corazón, más inteligencia que brazo.

La bala que penetra en su carne y desgarras sus tejidos le hiere menos que la que hiere a sus soldados: el dolor propio no le arrancaría un quejido; el dolor ajeno le arranca lágrimas. Leal en la pelea, ni mata al enemigo ni lo caza, ni convierte en escudo la presa del vencido.

Un día su brigada, tras una reñida lucha en que él mismo salió contuso, se apoderó de una vasta extensión de terreno. Los soldados acababan de conquistar las posiciones enemigas y llegaban desfallecidos de cansancio: uno de ellos penetró en un caserío y tomó dos manzanas; el soldado era rencoroso y hubo de decir a los dueños del caserío: "Estas manzanas no las pago; ya os las habéis cobrado de mi sudor, carlistones." Súpolo Mariné, y el soldado sufrió cuatro días de arresto y dos de marcha a vanguardia.

La disciplina en la ciudad es fácil mantenerla; no así en el campo, y mucho menos en el campo conquistado.

Tal es a grandes rasgos una de las figuras militares que más contribuyeron a la pacificación de nuestro país, y que a la hora en que escribimos, acaso para gloria suya, comparte con su familia las penalidades de un destierro.»

Contrastam coas nobres figuras dos chefes liberais, as sombrías dos legitimistas. Paniagua, capitán de húsares no exército liberal, passado ao carlismo para fugir do castigo que o ameçava como autor de um desfalque motivado polo seu vício de jogador, é agora tenente coronel carlista, e malversa os fundos que se lhe confiam. O mesmo fai o Páter, antigo escolápio, que é um maníaco sexual obsesso polas nenas. A crueldade é a característica dos oficiais carlistas, como o Comandante de Bermeo<sup>41</sup> ou o do forte de Gárate<sup>42</sup>.

## REGIONALISMO

Cando Curros Enríquez assina em Madrid e em 1877 a dedicatória de *Paniagua y Compañía* ao seu amigo e companheiro Leonardo Mármol, o noso escritor é um jornalista galego que vive em Madrid. Em 1869 escrevera a famosa *Cántiga*, "No jardim umha noite sentada". Está em contacto co movimento regionalista galego, e desde 1874 colabora em *El Herald Gallego* que em Ourense dirige Lamas Carvajal. Nessa revista aparecem no citado ano tres poemas em galego de Curros: *A fouce do avó*, *A primavera* e *A nena na fonte*. Em 1876 está datada a *Muiñeira monorrítmica*. É natural que este poeta reflecte de algum jeito no seu romance o seu galeguismo.

De primeiras, som galegos os seus heróis positivos, os membros da familia Comba: o pai Ignacio e os três filhos Lucas, Juan e Maria. Trata-se de umha humilde familia marinheira, que habita numha barraca no bairro de Riaçor. Na Corunha começa e remata a história. Maria e Juan acham-se na Corunha na derradeira página do livro. O último párrafo do mesmo está consagrado ao batalhom reserva de Mondonhedo, dissolto à terminaçom da guerra. Este batalhom constituía a guarniçom da vila guipuzcoana de Guetária, assediada polos carlistas, e, a proposta do seu Comandante, adopta a Maria e a Juan, e facilita-lhes o regresso à Corunha. O comandante agradece aos soldados a sua generosidade "en nombre de Galicia". Uns galegos amostam a sua solidariedade com outros galegos<sup>43</sup>. Curros fai umha louvança significativa do soldado galego com motivo da festa que momentos antes celebra o batalhom umha vez levantado o sítio de Guetária<sup>44</sup>. Já com anterioridade tinha remarcado a sobriedade dos

41. Curros, 700 ss.  
42. Curros, 726.  
43. Curros, 750.  
44. Curros, 748 s.

galegos combatentes<sup>45</sup>.

De por parte, denunciám-se em várias ocasiões os ultrajes e desconsideraçõs que os galegos sofrem.

Os apelidos Muinhos, Couselo, Comba, Pitelinhos e Labandeira que ostentam os reclutas galegos, promovem o escarnho do Comandante carlista de Bermeo, que os maltrata fisicamente<sup>46</sup>. *Gallegos*, *gallegazo*<sup>47</sup> som palavras insultantes em boca dos chefes carlistas.

A língua galega é objecto de homenagem polo autor. "Un soldado que se jactaba, y con razón, de no poder hablar más que gallego<sup>48</sup>". "Lo que siento es que

45. Curros, 710 s.  
46. Curros, 702 s.  
47. Curros, 702, 720.  
48. Curros, 747.





me hayan separado de mis compañeros y no pueda hablar gallego con nadie"<sup>49</sup>. "Aquellas sutilezas de la lengua gallega, dóciles sólo a la pluma de Rosalía de Castro"<sup>50</sup>.

De feito, ouve-se falar galego no romance. "Tirai, tirai, ¡andulos! Por moito que tiredes, a praza non vos toca no fucioño"<sup>51</sup>.

"¿Este é o demo ou qué? ¡Xuncas me leve e centellas me coman s'eiqui non anda o diaño!"<sup>52</sup>.

"¿Pois non o ves, reconcho? O chourizo está furado e o rancho non ten prebe"<sup>53</sup>.

Tamém estém presentes o *castrapo* e a *gheada*. No próprio castelhano do autor aparecem algunha vez certos mais-que-perfeitos simples que podem ser galeguismos.

"aquella palabra de perdón que antes cayera como vivificador rocío sobre una Humanidad desconsolada"<sup>54</sup>.

"habían agotado todo el caudal que trajeran de la Corte"<sup>55</sup>.

"Inútil para el trabajo a que hasta entonces se dedicara"<sup>56</sup>.

49. Curros, 718.

50. Curros, 724.

51. Curros, 723.

52. Curros, 747.

53. Curros, 748.

54. Curros, 748.

55. Curros, 622.

56. Curros, 662.

57. Curros, 666.

Un recital poético na Coruña diante da obra de Asorey a Curros



## PÁRRAFO E PERÍODO

Na distribución dos párrafos regista-se a pegada da novela folhetom, que por causa à vez económicas e estilísticas tendia a constituir aqueles com um só período, quer dizer, a fazer de todos os pontos, ponto e aparte. De jeito que havia numerosos párrafos e numerosos espaços em branco, o que convinha ao autor que cobrasse por páginas. De por parte, os párrafos numerosos e breves, em sucessom de sons e silêncios alternados, actuavam como umha saraivada de golpes sobre a atençom do leitor popular. Na luta do autor co leitor de folhetins para conquistar a sua adessom, essa multiplicidade de párrafos breves, constituídos muitas vezes por oraçoms simples, era como uma série de ataques súbitos e imprevistos, rápidos e incessantes, que non deixavam respiro nem acougo ao público ingénuo, o qual nom sabia de que lado volver-se, e estava sempre exposto a ser atacado desde qualquer ponto, o que lhe causava um estado de ansiedade de expectaçom, á qual consagrava todo o seu interesse. Os múltiplos párrafos e silêncios que a escrita presentava, eram como zigue-zagues no caminho de assimilaçom do texto que tinha que recorrer o perceptor do folhetim, e as freqüentes pausas eram contínuas interrupçoms desse caminho que criavam expectaçom e produziám o prazer de umha constante modificaçom do rumo seguido. Essa estrutura externa reproduzia realmente a estrutura do contido argumental, no que o gosto pola suspensom do ánimo e os efectismos truculentos, mais ou menos verosímeis e extremados, determinava um curso dos acontecimentos fíctios cheio de surpresas, golpes, parênteses, retrocesos, excursos e câmbios de orientaçom.

Curros, ao querer escrever um romance panfletário, popular e sentimental, está dessa tradiçom, e usa a técnica da narrativa social folhetinesca, a da "novela por entregas". Assi, começa o seu romance identificando período com párrafo, quer dizer, cambiando de párrafo após cada ponto, excepto cando emprega o diálogo, porque entom cada intervençom de umha personagem se transcreve num só párrafo. Este é o estilo dominante com muito em *Paniagua e Compañía*, até o extremo de que temos que chegar ao capítulo segundo para achar algunha excepçom a essa regra, ou seja algum párrafo nom escrito em estilo directo que comprenda mais de um período.

Mas no romance currosiano convivem umha narraçom folhetinesca e umha crónica militar. Este último género responde a umha tradiçom mais culta, de expressom mais ligada e coerente, na que de perto ou de longe pesa o fraseio clássico. Cando Curros traça cenas militares, especialmente combates —como figera nas suas *Cartas del Norte*—, tende a esquecer-se das suas personagens de ficçom e de que está escrevendo umha novela por entregas, e construe os párrafos mais organicamente, num estilo mais minucioso ou discursivo, que implica párrafos mais travados, com umha composiçom sintáctica mais complexa e maior aglutinaçom dos períodos. Neste estilo "histórico", que se opom ao "romanesco" —o primeiro mais sossegado, o segundo mais efectista—, os pontos e seguido aparecem com freqüência dentro do párrafo.

## A PRESENÇA DO AUTOR

Para findar estas consideraçoms sobre o único romance de Curros<sup>58</sup>, diremos algo acerca da presença do autor na sua narraçom. Aquela é expressa. Em estilo periodístico, aparece reflexada na primeira pessoa de plural: "Hemos dicho que era grande la animación del paseo"<sup>59</sup>. As vezes, implica-se ao leitor neste plural: "Como él mismo nos ha dicho, don Ambrosio había pertenecido al ejército liberal"<sup>60</sup>. "A Juan ya le conocemos."<sup>61</sup> Som numerosíssimas as expressoms deste tipo. Curros chega a referir-se a si mesmo como narrador da história ao final do relato: "Terminada la guerra, el batallón reserva de Mondoñedo ha sido disuelto y los soldados que lo componían fueron enviados a sus casas, sin que de su paso por el Norte quede más memoria que la que nosotros hemos hecho en estas páginas"<sup>62</sup>.

58. Nom existe um romance intitulado *El collar de perlas* (Curros, 1032 e 1140). Nom existe um romance intitulado *La señorita de aldeas* (Curros, 1130). Nom existe um romance intitulado *El tributo de sangre* (Curros, 1016 e 1137). Trata-se de confusoms que Adelardo Curros Vázquez explica nos lugares citados.

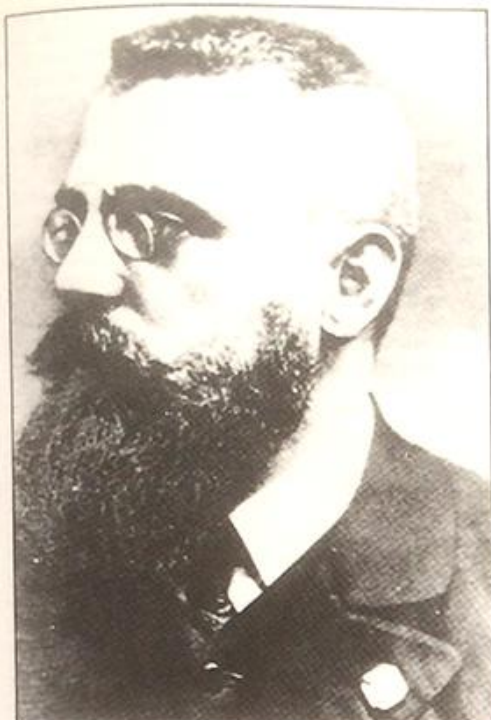
59. Curros, 646.

60. Curros, 656.

61. Curros, 667.

62. Curros, 757.





À parte deste emprego explícito do pronome pessoal de primeira pessoa —em plural periodístico, como se dixo—, o narrador converte-se em filósofo, sociólogo ou moralista, sem usar necessariamente aquel pronome, em grande número de ocasións, o qual está tamén dentro da linha das declamações dos autores de romances populares. O autor sai-se do seu papel de narrador, e nom só comenta os acontecementos concretos da história que relata, mas eleva-se a

considerações de tipo geral, comunicando-se directamente cos lectores, aos quais instrue ou mestrea, dando así carácter didáctico a relativa aos nenos<sup>63</sup>, á geopolítica das Provincias Vascongadas<sup>64</sup>, o elóquio do brigadier Mariné<sup>65</sup>, o soldado galego<sup>66</sup>.

Sem embargo, como já fica indicado, o autor nom se mistura ao fluir dos acontecementos narrados. Ainda que Curros estivo presente no levantamento do bloqueio de San Sebastián, e nos narra este feito no romance coas mesmas palabras que emprega, se apresenta como actor ou testemunha de tais feitos. O narrador de *Paniagua y Compañía* é un narrador exterior á historia que narra. Por isso, ainda que Curros se serve da sua memória, da sua experiencia, para descrever-nos a guerra do Norte, o seu romance nom constitue formalmente as memórias de um corresponsal periodístico, pois na trama dos acontecementos e no censo das *dramatis personae* nom aparece tal corresponsal. ■

63. Curros, 664-666.

64. Curros, 715-716.

65. Curros, 732-734.

66. Curros, 748-749.

37



#### BIBLIOGRAFIA CITADA

Barreiro, J.R. Barreiro Fernández, *El carlismo gallego*, Editorial Pico Sacro, Santiago, 1976.

Carré, Luis Carré Alvarellos, *Manuel Curros Enríquez. Sua vida e sua obra (Ensaio biobibliográfico)*, Ediciones Galicia del Centro Gallego de Buenos Aires, 1953.

Curros, Manuel Curros Enríquez, *Obras escogidas. Poesía. Teatro. Prosa*. Recopilados por Adelardo Curros Vázquez, Aguilar, Madrid, 1956.

Fernández y González: Biblioteca de "La Correspondencia de España". *Los Montfies de las Alpujarras*. Novela histórica por don Manuel Fernández y González. Madrid: "La Correspondencia de España", Calle del Factor, 5 y 7, 1922.

González-Melendo: Augusto González-Besada Estévez y Félix Melendo Abad, *Manuel Curros Enríquez. Biografía*, Madrid, 1952.

Linares Rivas: *Discursos leídos ante la Real Academia Española en la recepción pública del Excmo. Sr. D. Manuel Linares Rivas el día 15 de Mayo de 1921*, Madrid, 1921.

Rodríguez: Francisco Rodríguez, *A evolución ideológica de M. Curros Enríquez*, Galaxia, Vigo, 1973.

Suárez: *Los invasores*, novela original por Francisco Suárez García. Imprenta y Librería Cervantes, G. Franco, 107 Tel. 1556. El Ferrol del Caudillo, 1950.

Vilanova: Alberto Vilanova Rodríguez, *Vida y obra de Manuel Curros Enríquez*. Ediciones Galicia del Centro Gallego de Buenos Aires, 1953.

Curros Enríquez

## CASTANHAS GALEGAS COSMOPOLITAS, MARRON GLACE

San Cibrán de Viñas - apdo.91 - Ourense  
tel: (988) - 22 12 66 / 22 26 54  
telex: 88519 CUEVA E

